

E ditar, produzir e fazer circular livros que possam colaborar com a melhoria do ensino no Brasil, estabelecer uma ponte entre a produção do conhecimento e a sociedade. Promover a circulação do saber, enfim. Esta tem sido, desde o início, a preocupação da Editora Contexto.

Boa leitura!

Siga-nos:



www.editoracontexto.com.br



SUMÁRIO

Um gênio de 250 anos, 9

JAIME PINSKY

Beethoven e sua música, 15

JOÃO MAURÍCIO GALINDO

Por que Beethoven?, 17

Frustração e superação, 35

Mestres e influências, 51

Sinfonias, 67

Beethoven e sua produção menos notável, 93

Beethoven e a cultura popular: dois exemplos, 109

Um caminho até Beethoven, 125

Vida de Beethoven, 151

ROMAIN ROLLAND

Prefácio, 153

Beethoven, 157

Testamento de Heiligenstadt, 195

Notas, 199

Os autores, 207

UM GÊNIO DE 250 ANOS



Beethoven, ao completar 250 anos, está mais vivo do que nunca. É difícil encontrar no mundo inteiro uma boa orquestra que nunca tenha executado alguma composição de sua autoria. Mas sua popularidade ultrapassa os limites dos apreciadores da música clássica. A *Ode à Alegria*, trecho coral de sua *Nona Sinfonia*, tornou-se o Hino da Comunidade Europeia. As quatro notas que abrem sua *Quinta Sinfonia* são conhecidas por todos, e a melodia de *Pour Elise* tornou-se até símbolo da presença do caminhão de gás.

Popular, mas nunca banal. Beethoven é uma espécie de sinônimo de música clássica. É o autor mais executado e mais amado. Qualquer responsável pela programação em qualquer sala de concertos do mundo inteiro sabe que basta providenciar a execução de uma de suas sinfonias ou concertos para lotar a sala.

Por outro lado, Beethoven não é vulgar ou fácil. Sua música representou um enorme avanço em todos os aspectos. Embora antes dele tivesse havido algumas tentativas esparsas, não é errado afirmar que sua produção foi um divisor de águas entre o classicismo e o romantismo. Mais que isso, Beethoven tirou a música dos luxuosos salões dos palácios e castelos e a conduziu para ambientes bem maiores: as salas de concerto. Deixou de escrever

para os nobres e passou a escrever para a burguesia. Produziu música para ser ouvida com atenção, não para servir de fundo musical de conversas mundanas entre marqueses e viscondes. A melodia que produziu não era mais apenas para os ouvidos, mas também para o coração, o estômago e até o fígado. Em vez de distrair poucos, Beethoven queria emocionar multidões. Além disso, como explica brilhantemente o maestro João Maurício Galindo neste livro, com ele a música ganhou dignidade e os músicos, um *status* diferente. Deixaram de ser vistos como simples serviçais para serem considerados verdadeiros artistas (e, no caso de Beethoven, uma espécie de semideus). Sim, aos 250 anos Beethoven está mais vivo do que nunca.

Ao contrário de Mozart, gênio precoce (escreveu sua primeira sinfonia com 8 anos de idade!), Beethoven foi, durante muito tempo, mais conhecido como professor e virtuose de piano do que compositor. Ameaçado de surdez, provavelmente por conta de um acidente que teria afetado sua audição muito cedo (as versões para sua surdez são inúmeras, nenhuma comprovada, desde seqüela de violência física do seu pai até contaminação por produtos químicos), Beethoven vai a uma cidadezinha tranquila (Heiligenstadt) para uma longa temporada de descanso em busca de cura para o seu mal. Não sara, é claro, sua surdez até piora, mas ele reflete bastante e volta para Viena com a determinação de criar uma obra imortal, revolucionária. É bom lembrar que em 1802 ele já não era mais criança. Em dezembro do ano anterior havia completado 31 anos. Mesmo assim teve coragem para declarar que tudo que produzira até então era insignificante. Exercício de modéstia? Não, pelo contrário, uma vez que prometeu a si e aos outros que, daquele momento em diante, só produziria “música de verdade”. E, de

fato, superou tudo o que tinha sido feito em música por quem quer que fosse.

Nos anos posteriores à sua promessa, escreveu e publicou, entre muitas outras maravilhas, as sinfonias 3, 5 e 6, o concerto de violino, os principais concertos de piano (inclusive o 5, chamado de *Imperador*) e muitas outras obras. Até então, discípulo de Haydn e influenciado pela obra de Mozart, Beethoven havia produzido música de boa qualidade, mas nada genial. A partir de 1802, até próximo de sua morte, em 1827, revoluciona o mundo da música.

Beethoven nasceu em 16 de dezembro de 1770. Durante 2020, seus 250 anos estarão sendo comemorados no mundo todo com ciclos de seus concertos, sinfonias, quartetos e demais obras. Nossa colaboração às festividades se dá com este livro escrito a quatro mãos por um conhecido maestro brasileiro, João Maurício Galindo, e um grande romancista francês, Romain Rolland. Do “nosso maestro” haveria muito a se dizer, mas para este livro basta lembrar que Galindo realiza a proeza de retirar a casaca da música clássica sem despi-la de sua dignidade e grandeza. Seus comentários na Rádio Cultura FM, sob o título *Pergunte ao maestro*, são conhecidos por todos e firmaram a imagem do maestro acessível, despretensioso, preocupado em alcançar o ouvinte, não em ostentar erudição. Seu texto neste livro (“Beethoven e sua música”) é claro, inteligente e permite uma leitura de qualidade tanto para iniciantes quanto para iniciados.

Ao lado do texto de Galindo, temos o orgulho de reproduzir um clássico, a obra de Romain Rolland denominada *Vida de Beethoven*. O leitor só terá a ganhar comparando os dois escritos, um produzido no início do século XX e outro feito especialmente para as comemorações de 250 anos de Beethoven. Nobel

de literatura, Rolland morreu em 1941, mas ainda é muito conhecido, tanto por seu romance *Jean Christophe*, quanto por *Vida de Beethoven*, que faz parte desta publicação. O texto de Rolland, um clássico da biografia, mostra a paixão que o compositor despertava entre os europeus cultos. É um livro intenso, engajado, que revela um herói mitificado, mais que um compositor inspirado. De certa forma, Rolland refletia o espírito de uma época que considerava Beethoven mais do que um compositor genial. Ele era reverenciado como um misto de figura revolucionária e uma espécie de semideus que se dera ao luxo de baixar à Terra para o desfrute dos mortais... Os movimentos nacionalistas do século XIX, assim como a luta contra as monarquias, colocavam o compositor na linha de frente, como se, redivivo, ele se alinhasse a favor reivindicações deles...

Ao longo do século XX, Beethoven vai perdendo sua áurea de herói revolucionário, de crítico da nobreza e do autoritarismo dos grandes impérios, mas tem sua obra cada vez mais apreciada, mais tocada, mais usada. Puristas talvez se choquem com isso, mas os acordes poderosos de suas obras e a força característica de suas melodias se espalharam pelo mundo todo. Não por acaso temos visto execuções grandiosas de sua obra, como aquela, no Japão, em que um regente consegue apresentar sua *Nona Sinfonia* com o apoio de um coral de dez mil vozes...

O compositor, que lutou para libertar sua música dos salões da nobreza e colocá-la à disposição de todos que quisessem ouvi-la, deve estar satisfeito. Hoje ele é o compositor mais popular e mais querido. Bateu até aqueles outros criadores de melodias melosas, apelativas, que já foram a coqueluche de moças casadoiras da alta classe média... Nada como o tempo para consagrar os verdadeiros gênios.

Tanto Galindo quanto Romain Rolland nos situam Beethoven em seu tempo, em sua família, na sua relação com outros músicos, com mecenas, com o público, até com mulheres. Os textos tratam o compositor com amor, generosidade, mas também com verdade. Não endeusam o compositor, mostram suas idiossincrasias e fraquezas. É bom lembrar que Beethoven tinha uma clara consciência da importância e do significado de sua obra. Os autores nos apresentam um Beethoven com muitas facetas, desde um ser mitificado até um ser humano, de enormes dimensões, sem dúvida, mas um ser humano como qualquer um de nós. E é até por isso que amamos tanto Beethoven: pela humanidade que ele passa em cada linha escrita, em cada acorde produzido. Pela empatia que demonstra ter para com o próximo. Em Beethoven, nos reconhecemos. Através de sua música descobrimos o que há de melhor em nós.